

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Bruno Vergílio

Centro de Memória da Etec Fernando Prestes

Sorocaba/SP

2018

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistadora /Instituição: Daniele Torres Loureiro da Etec Fernando Prestes, de Sorocaba

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

Desde que ingressei, em 2003, na Etec Fernando Prestes, ministro aulas na área de Gestão, mesma área em que atua o entrevistado. Ao desenvolver um projeto para o Centro de Memória, sobre os cursos iniciados na década de 1980, tomei conhecimento da atuação do professor Bruno Vergílio como coordenador nos anos iniciais do curso de Técnico em Processamento de Dados. Soube de sua luta e conquistas para implementar um curso que necessitava de muita tecnologia para funcionar e do modo como as conquistou. Conversei informalmente com ele, que demonstrou grande entusiasmo para nos conceder uma entrevista para o projeto de história oral, ainda mais, por ser também a ocasião da comemoração dos 30 anos do curso em questão.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Daniele Torres Loureiro

Local da entrevista: Centro de Memória da Etec Fernando Prestes, Rua Natal, 340 - Jd. Paulistano – Sorocaba/SP.

Data: 18 de abril de 2018

Técnico de gravação: Ivani Torres Bragheti

Duração: 44 minutos e 50 segundos

Número de vídeos: 1 (um)

Transcritora: Daniele Torres Loureiro

Número de páginas: 13

Sinopse da entrevista

Entrevista realizada em 18 de abril de 2018, no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, com o professor Bruno Vergílio, que atua na

unidade de ensino desde 1988. Esteve à frente da implantação do curso de Processamento de Dados e a frente dele coordenou, negociou e conquistou toda infraestrutura necessária para seu funcionamento e desenvolvimento nos anos iniciais. Também atuou como presidente da APM e atua como professor da área de gestão. Possui uma vivência de três décadas dentro da Etec Fernando Prestes a qual considera como sua segunda casa. É formado em Administração de Empresas, com especialização em Análise de Sistemas e além de sua experiência como professor, trabalhou por 30 anos na FAÇO (Fábrica de Aço Paulista).

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 02 de abril de 2021 a 03 de junho de 2021

Nome da transcritora: Daniele Torres Loureiro

Daniele Torres Loureiro (DTL): Prof. Bruno, boa tarde, seja bem-vindo ao nosso Centro de Memória. Nós agradecemos a sua disponibilidade em conceder esta entrevista. Esta entrevista tem por propósito registrar a história dos cursos e das pessoas que passaram pela história da escola. Esta é a nossa primeira entrevista, de uma série de entrevistas deste projeto e... a nossa primeira pergunta... nós gostaríamos que o senhor dissesse qual o seu nome completo, sua... em que cidade o senhor nasceu, o estado, enfim que nos contasse um pouquinho também sobre sua trajetória profissional.

Bruno Vergílio (BV): Bem, primeiro boa tarde! Agradeço, pelo convite. É um prazer estar aqui. Falar, contar a nossa história como aconteceu. Já se foram 30 anos e vamos lá comentar como foi a história, esse caminhar e porque chegamos aqui, no estágio que estamos. Eu sou Bruno Vergílio, sou natural de Pilar do Sul. Vim para Sorocaba no ano de 1965, aonde eu vim pra cá, continuar os meus estudos. Fui fazer o curso Técnico em Contabilidade na OSE. Terminado este curso técnico, aí eu fui fazer a faculdade de Administração na antiga FACAS, que hoje é UNISO. Me formei em Administração e na minha carreira acadêmica eu fiz especializações, cursos de pós-graduação, em duas disciplinas na área de Administração e também Análise de Sistemas, pela UNIMEP – Piracicaba. Os dois cursos de especialização na área de Administração foram feitos na UNIPEG em Indaiatuba, onde eu lecionei e na verdade estes cursos eram créditos para o mestrado, porém como na época o mestrado não foi recomendado pela CAPES, então transformou-se em dois certificados de pós, de especialização na área de Gestão.

DTL: Professor nós sabemos que o senhor foi professor, coordenador no curso de Processamento de Dados aqui na escola. O senhor poderia nos contar um pouquinho sobre esta trajetória. Como este curso começou? Como que foi a sua trajetória no Centro Paula Souza e aqui na Etec Fernando Prestes? O que o senhor poderia nos contar sobre isto?

BV: A história começou a princípio, eu participei de um processo seletivo para professor na Fatec Sorocaba. Eh... como pessoas mais inteligentes conseguiram ser admitidos e eu, obviamente, não tinha a experiência necessária, fui até um pouco displicente na prova lá (risos), uma das coisas que eu carrego com vergonha é a displicência da época. Aí então com

o passar do tempo, um dia, nos ligam lá na FAÇO, onde eu trabalhei durante 30 anos, nos solicitando que tinha uma Escola Técnica em Sorocaba que estava propensa, querendo implantar o curso de Processamento de Dados e através do cadastro lá da Fatec, me convidaram e nós viemos um dia a noite aqui, aí então começa a nossa história, não é! O diretor, então professor Grando (Francisco Grando), ele em março de 1988, convidou a mim e mais alguns profissionais da área de Processamento de Dados da região, sendo: eu, Analista de Sistemas da FAÇO; Cesar, Analista de Suporte da Cianê; Edelson Medeiros, Analista de Sistemas da FAÇO, meu amigo, inclusive de trabalho e Luís Antônio Bordieri, Analista de Sistemas da Villares. Aí, chegando aqui, ele me fala, olha professor, é o seguinte: - nós queremos implantar um curso de Processamento de Dados e não sabemos nem o que é isto, e então ele nos mostra uma grade com os nomes das disciplinas e falou que recebeu 20 computadores "COBRA 210", disquete de 8 polegadas, que é deste tamanho (demonstra o tamanho), parecendo até uma...e, também veio uma rede com um servidor do chamado "COBRA 220". O servidor e mais 10 computadores para montar esta rede. Aí então, naquela noite, papo vai - papo vem, nós que estávamos aqui conversando com ele, acabamos indiretamente, já fazendo o que, abraçando a grade curricular das disciplinas e começamos a conversar, aqui olha, você tem mais afinidade, você vai nisto, vai naquilo, conteúdo tal, aí na hora, praticamente nós montamos o corpo docente (risos) e os conteúdos lá das disciplinas.

DTL: Ah! Então já existia um plano destas disciplinas, enviado pelo Centro Paula Souza.

BV: Sim, pelo Centro Paula Souza. Veio já as bases tecnológicas das disciplinas, já vieram, apenas nós nos decidimos ali quem seriam os professores para cada disciplina ou mais disciplinas e que conteúdos seriam abordados em aula. Bem, e aí então as aulas começam... tantas dificuldades, tantos atropelos, fé, coragem e mais nada. Falta de recursos principalmente, dinheiro nada... a inexperiência dos próprios professores com os conteúdos das disciplinas, bem como a inexperiência como docente, como professor em sala de aula, e os problemas com os poucos e antigos computadores, que nós nem imaginávamos como era, nem como funcionaria.

DTL: E, esses computadores vieram pelo Centro Paula Souza, eram em torno de 10 computadores

BV: É, vieram 10 computadores... Eh ... 20 computadores COBRA 210 e depois uma rede com um servidor "COBRA 220" e mais 10 computadores COBRA 210 para formar a rede, eram os chamados terminais

DTL: Certo... em relação a capacitação para os professores... eram dadas capacitações aos professores, como hoje, que nós temos várias capacitações que são feitas. Naquela época os professores recebiam algum suporte? O senhor falou das dificuldades que era nesta época. Havia algum suporte neste sentido?

BV: Não, pelo simples fato também de que a área de Processamento de Dados no Centro Paula Souza era praticamente virgem. Só duas ou três Fatecs que tinha este curso e nós, Fernando Prestes, fomos uma das primeiras ETEs, na época chamadas de ETEs a implantar o curso e... começamos a trabalhar. E aqui houve uma, uma situação, existia, além do curso normal de Processamento de Dados Integrado, normal, Ensino Médio e o curso técnico de três anos, normal, também tinha o curso PQ IV, que era um curso de 1 ano e meio, como é hoje e esse curso a Fernando Prestes foi a pioneira em implantá-lo. Então veja como as coisas, tudo partindo do zero, né. E passamos com o tempo a ser referência na implantação desse curso, PQ IV, técnico de um ano e meio.

DTL: nas outras escolas

BV: Aí começa a nossa fala. O professor Grando, num certo momento, desliga-se da Fernando Prestes, então como diretor ingressa o prof. Luís Alberto Agasi. Aí começamos a trabalhar, só que eu trabalhava durante o dia na empresa, eu era Analista de Sistemas lá, responsável pelos Sistemas de Gestão, então a minha responsabilidade era alta. Eu vinha apenas a noite. Então o prof. Luís Agasi me orientou, pediu se eu poderia dá uma força, né e até ser o coordenador do curso, embora não pudesse estar a tarde aqui, mas eu viria a noite para ver o que teria de ser feito alguma coisa...enfim a gente foi...

DTL: Então o curso era oferecido em dois períodos, manhã e noite?

BV: Sim, de manhã e noite.

DTL: Então de manhã era o integrado e a noite o PQ IV?

BV: A noite era o PQ IV e o integrado também.

DTL: Então tinha o integrado nos dois períodos.

BV: Isso. Então o professor Luís Agasi me pediu, me citou para que pudéssemos colaborar e as coisas começaram. Nosso laboratório tinha o lado dos computadores e mais nada. Você sabe que computador tem um problema sério de pó e uma série de coisas e não tinham capas. “E agora José?” - Não tive dúvida... num sábado, fui para a cidade, comprei plástico, né! Um monte de plástico e cheguei aqui no sábado, peguei a tesoura, cortei os plásticos numa medida que pudesse protegê-los, e estava fazendo, e de repente aparece um Luís Agasi no sábado. Soube que eu estava aqui e foi lá... - Oh! Bruno... não pode deixar entra pó nisto aqui. Bom aí as coisas foram começando, né. Pessoas que foram importantíssimas para a implantação do nosso curso: além de nós, os professores, profissionais da área, também devemos referenciar e enaltecer o Jefferson da Fatec, que foi um rapaz que nos deu um apoio impressionante. E junto com ele...

DTL: O senhor lembra o nome dele? Não?

BV: A menina eu precisaria confirmar...faz tempo

DTL: Não tem problema!!

BV: Ao mesmo tempo, além do Jefferson vieram dois estagiários da Fatec para montar o laboratório. Um é o Edelson que está aqui hoje e o Esteveaux, eles vieram, resolveram como colocar os computadores, fizeram a salinha lá, fizeram uma portinha para ninguém entrar, enfim... liberdade total a eles, mérito, porque a parte de laboratório eles que organizaram.

DTL: E a estrutura física da escola em relação aos laboratórios? Hoje nós temos laboratórios aqui no térreo e no anexo. Eram esses mesmos posicionamentos ou era...?

BV: Não, nenhum, era apenas lá no fundo, onde é o ambiente 1 hoje e a salinha do Edelson e tinha um outro lado pra cá, onde é o ambiente 2 agora e aonde nós conseguimos, com o professor Pedro, pai do Koritiake, foi um pedreiro que nos ajudou e fez a parte de alvenaria, então nós inauguramos o ambiente 1 lá e outro ambiente com a rede Cobra 220, mais nada, e aí então o Edelson e o Esteveaux vieram pra cá e foram os pioneiros na estruturação, administração, controle e ampliação dos laboratórios. Acrescenta-se também e eu queria agradecer a um senhor chamado Guerreiro, ele era o técnico que consertava computadores Cobra e de vez em sempre os computadores davam problema, aí a gente ligava para o Jefferson nos indicou e a gente ligava pra ele. Ele vinha aqui e eu dizia tá aqui, tá com problema, por favor veja o que você pode fazer. Nós não temos dinheiro para pagá-lo. Com boa vontade ele vinha, apertava, o computador não está lendo o “disquetão”, ajustava...é

impressionante como foi participativo. Aí então, eu acabei assumindo a coordenação do curso oficialmente em 1989. Começamos a trabalhar.

DTL: Então o curso iniciou em 1988 e hoje está completando 30 anos?

BV: Em março de 1988. Então começamos a trabalhar e precisava contratar professores. O primeiro concurso público que teve para contratação de professores na área de Informática, nós contratamos o Anderson Roque do Amaral, coordenador hoje, e o prof. Paulo Sérgio Germano. Os dois professores que foram contratados no primeiro processo. Aí a coisa começa e a gente imagina... Meu Deus do Céu... Cobra 210!? Já tem o XT, o AT 286. Uma carência de falta de recurso de acervo tecnológico. Aí o diretor, prof. Luís Agasi fala: - nós vamos para São Paulo. Vamos lá... Aí nós fomos pra lá e fomos conversar com o prof. Oduvaldo Vendramini, que era o superintendente do Centro Paula Souza, na época. Chegando lá nós fomos conversar diretamente com ele, que nos atendeu muito bem. O Luís Agasi tem um acesso muito fácil lá em São Paulo e fomos “chorar as pitangas” para que ele pudesse arrumar pelo menos, dois ou três XTs, que já era uma máquina mais atualizada, para os alunos conhecerem, ele olhou pra nós e falou, “poxa vida”, olha a frase que ele falou: - antes vocês vinham aqui pedir material de limpeza e cortador de grama, agora vocês estão pedindo computadores!? Parabéns, hein!

DTL: Que mudança!!

BV: Nos encheu de orgulho, ficamos lisonjeados, felizes, porém voltamos de mãos vazias. O Centro Paula Souza não tinha dinheiro nenhum na época para investir. Aí então começam as coisas... Por coincidência eu estava em casa e assisti na televisão um programa, mostrando lá nos Estados Unidos um cemitério de computadores, jogados, computadores ATs, 286, com monitores coloridos... Meu Deus do Céu, que vontade de alugar um avião para ir buscá-los, Utopia! Sonhei! Bom, aí, continuamos, “ou vai ou racha a tampa da caixa”, em busca de alternativas... qual? Se virar para não morrer... começamos a fazer rifas. Fizemos uma rifa e conseguimos comprar dois XTs, computadores melhores que os Cobras 210, da Informage, uma software house aqui do lado, que o Anderson trabalhava e pagamos \$700 dólares cada um, só para ter XT aqui. Começou aqui então a brincadeira, no caso das rifas, né. Para vocês terem uma ideia tinham alunos que estavam deixando o curso. Eles abraçaram a causa e foram vender rifas. Um exemplo muito clássico, eu me lembro muito bem... Edelio Buganza, Paulo de Oliveira, e outros alunos que “vestiram a camisa” e foram vender rifas.

DTL: Então os alunos tinham uma participação ativa em busca...

BV: Isso, e os alunos de Informática e Secretariado também abraçaram a causa e saíram vendendo rifas, aí rolou... Teve aluno que devolveu talão tal qual recebeu, como também teve professor que se quer comprou o dele, certo! Aí fizemos uma segunda rifa para comprar mais computadores. Nesse meio tempo assume a direção a professora Leila Rolim de Almeida e, em 1993, eu me tornei presidente da APM e para tanto, para vocês terem uma ideia a adesão da APM naquela época, no curso de Informática, 90% dos alunos colaboravam com a APM, pessoas de outros cursos em geral, em torno de 50%. A APM teve uma situação interessante. Eh! Quando era época de matrícula, como nós montávamos nas salas e ficavam os professores, o aluno ia fazer a matrícula e nós conversávamos com os pais para solicitar a colaboração para a APM porque nós não tínhamos recursos. A adesão era muito forte. Pessoas simples, muitas vezes colaborando, como também, muitas vezes eu presenciei, um senhor que veio fazer a matrícula do filho, muito bem-vestido, com uma senhora de uma pulseira de ouro, daquelas grossas, e um belo de um relógio. Aí nós conversamos, dizíamos o porquê e ele disse: - olha, eu não tenho obrigação de colaborar. Eu fiquei quieto, e disse: tudo bem senhor, sabe.

DTL: A escola é de todos.

BV: Coisas que foram acontecendo... Ah...nesse meio tempo a coisa foi crescendo e o curso de Mecânica e de Construção Civil também estavam crescendo e necessitavam de tecnologia para ter Autocad e tudo que era necessário, mas estavam dividindo conosco, então eu como coordenador, montamos uma sala especial, um laboratório, para o curso de Mecânica e Construção Civil, onde é hoje a STM (Sala de Tecnologia Multidisciplinar), tá. Esses computadores foram comprados pela APM. Nesse meio tempo, nós fizemos, eu fui comprar, fui ao Carrefour comprar computadores. Nós tínhamos dinheiro na APM. Eu presidente e a Leila diretora, fomos comprar lá no Carrefour... vimos lá bons preços de computadores e... nós tínhamos dinheiro para comprar, compramos 12 computadores no Carrefour à vista, e tínhamos mais dinheiro para comprar outros 12, só que eu como presidente, eu não deixava ele parado, eu fazia uma aplicação financeira, então depois de uns 10 dias essa aplicação financeira foi resgatada, nós voltamos ao Carrefour e compramos mais 12 computadores a vista. Isso foi até comentado na cidade, acharam que era alguma escola particular que estava comprando computadores. Acabou com o estoque de PCs... do Carrefour (Risos), né! Aí então a coisa foi crescente e nesse meio tempo a relação candidato vaga no curso de Processamento de Dados, o integrado e o qualificação, chegou a ter mais de 1200 candidatos.

DTL: 1200 candidatos por vaga?

BV: Sendo três.... olha tendo de manhã dois integrados, o PD 1 e o PD 2, a tarde tinha um PDT também e a noite tinha dois integrados e o de qualificação.

DLT: Nossaa!

BV: Então o total aqui de candidatos, ultrapassou a mais de 1200 candidatos

DTL: Então uma demanda de 1200 por vaga ou...

BV: Não, 1200 candidatos inscritos para estas vagas aqui.

DTL: Dava em torno de 200 vagas

BV: 80, 120, 240 vagas

DTL: Então deu em média 4 candidatos por vaga?

BV: Foi mais de 1200 candidatos então, porque no total deu uma média de 12 candidatos por vaga. Bem, aí, diante das circunstâncias... ah! Eu fui convidado, em 1993, para assumir lá no Centro Paula Souza um cargo de responsável por área do CEETEPS tá... bom... vieram, me convidaram... perguntei então para o Luís Agasi... Luís, diz aí...? Ele disse: Bruno, vai... eu ia uma vez por semana. Quarta-feira eu ia para São Paulo... meninas, só que eles... ligava lá, o Centro Paula Souza não estava estruturado, então por questões financeiras não tinha nem mesmo (sinal de dinheiro) para ficar, tá! Então como é que eu uma vez por semana ia para São Paulo tentar organizar a área de Processamento de Dados do Centro Paula Souza.... não precisa nem completar o raciocínio... (risos) foi um fracasso essa minha estada lá, né! Ah... nesse meio tempo a coisa começa a crescer também e o Centro Paula Souza libera um concurso para contratar Auxiliares de Instrução, Auxiliares Docentes lá para o laboratório, e nesse concurso foram contratados como funcionários José Carlos, in memoriam, o esposo da Sônia Gonelli, falecido, o Edenson que aqui está e a Elizabete que era uma analista de sistemas da "Bitnele" em Votorantim, e aí começa a melhoria no desenvolvimento da tecnologia. Nós colocávamos os computadores para os professores darem as aulas, acoplado uma TV de 29", assim o professor, dando a aula, não ficava preso ao monitor, mas sim a televisão de 29", assim facilitava a interação entre professor e aluno.

DTL: Essa já era uma evolução tecnológica muito grande...já que estava em uma escola pública, né... dentro das condições, apresentava uma estrutura física e tecnológica muito boa.

BV: Já estávamos caminhando para as coisas acontecerem de forma correta né!

DTL: Professor, com relação aos alunos, havia evasão nessa época? Eh!... porque a escola tinha uma estrutura bastante interessante, e essa estrutura, a gente acredita que fazia com que os alunos procurassem pela escola, ela era uma referência, mas hoje a gente enfrenta um problema de evasão, em vários cursos, em qualquer área. Como que era naquela época?

BV: Naquela época como os cursos eram integrados, médio e técnico, então os alunos praticamente teriam que ficar até o final, então a evasão era mínima, tá! A procura era muito alta, e, também, leva-se em consideração que na época, Processamento de Dados estava emergindo e se tornando a tecnologia futuro que todos os jovens teriam que embarcar nela. Então isso auxiliou muito e facilitou, embora também com a capacidade que nós tínhamos é de saber que os profissionais que estavam como professores aqui, eram profissionais da área então traziam para o curso um linguajar e a prática do dia a dia das empresas nas funções que nós exercíamos na própria empresa, então tornou-se uma situação, a necessidade do jovem de se inteirar com tecnologia, as estruturas da escola que nós estávamos começando a trabalhar bem e os professores envolvidos e a coisa foi e aí por diante. Ah! Nesse caso da TV 29" a TV foi um paliativo, mas o sonho era o Datashow, mas o Datashow na época custava, mais ou menos, quase três mil dólares. Comprar isso como? Não tinha! Então vai pela televisão mesmo. Aí começa coisas interessantes no último ano do curso integrado que aconteceu em 1996, os alunos, os formandos, do período da manhã, PD1 e PD2, eles fizeram rifa e compraram e doaram softwares oficiais para a Fernando Prestes. Inclusive foi feito até um banner alusivo a essa atitude dos alunos.

DTL: Um agradecimento.

BV: Em agradecimento que foi o que aconteceu. Ah!... O acervo tecnológico, quando chegou em 1996, nós chegamos a ter cinco ambientes de laboratórios com 100 microcomputadores para as aulas com um investimento de cerca de R\$120.000 em computadores.

DTL: Uma estrutura grande para a época.

VB: Cresceu né! No caso desse crescimento nosso tem um detalhe técnico (risos), as vezes a gente brinca com a Leila, onde é hoje o ambiente 3, ali era um banheiro fedido e fechado, e ninguém usava. Aí um dia eu disse: - Leila, nós precisamos de mais espaço... porque nós fomos avançando... e aí o banheiro que dá para fazer? - Acha que dá. Eu acho... Vamos fazer? Vamos! Manda vê! Derrubamos tudo para fazer mais um ambiente, para colocar os computadores, ficou mais um ambiente ali. Eu não sei de deduraram ou não (risos) o Centro Paula Souza soube e veio um representante aqui verificar o besteiro que nós fizemos. (risos) Inutilizar um banheiro!? Nós mostramos para o homem e dissemos que não tinha como um banheiro funcionar ali. Bom... as coisas foram acontecendo... Aí vai... tá! O acervo tecnológico nosso. Ah! Lembrando que desse acervo, 85% foram adquiridos com recursos da APM de rifas da amizade, apenas 15% eram doados pelo Centro Paula Souza. O Centro Paula Souza não deu mais nada.

DTL: O senhor falou que em 1996 foi a última turma do curso integrado.

BV: Sim, do integrado.

DTL: Essa mudança ocorreu em função da legislação, ou foi uma mudança organizacional?

BV: Olha Daniele, muito nos surpreendeu quando comentou-se que o curso integrado estaria acabando, como de fato acabou e voltou agora. Houve este ato e só ficaram os técnicos de um ano e meio, e as coisas, não sei por qual razão, se MEC ou CEETEPS que decidiram acabar com este curso.

DTL: Isso acabou com todos os integrados da escola ou somente o de Processamento de Dados.

BV: Olha... provavelmente acho que todos viu

DTL: Todos então... provavelmente uma mudança na legislação...

BV: Sim, vinda do MEC

DTL: Provavelmente o Centro Paula Souza acatou. Provavelmente a nova LDB.

BV: Aham! É! Aí, como a coisa engrenou, eu tinha, nós tínhamos um sonho de montar salas de aulas para a área de informática, mas salas específicas, contanto com a parte de computador, tv, lousa digital, coisas mesmo para aulas de informática, mas aí a coisa não foi possível (expressão de decepção). Ah! Grupo de professores, com o decorrer do tempo nas disciplinas técnicas: Bruno, Cesar, Elielson, Bordieri, Anderson, Paulo Sérgio, Zé Roberto, Vitória, Castelan, "Dieb", Vargas, Cida, Eduardo, Valdir, Odair Buganza e outros, que agora não me lembro. Alunos que se formaram aqui se tornaram excelentes profissionais no mercado e conseguiu se colocar rapidamente no mercado de trabalho e tivemos feedback de alguns alunos que vieram nos agradecer, pois eles estavam ocupando cargos de confiança nas empresas e se desenvolvendo muito bem tecnicamente. Ah! O nosso laboratório a princípio ficou então o José, a Bete e o Anderson. Eles revezavam. Lembrando que a manutenção dos computadores, quem fazia era o Luiz Gordo, um funcionário da Fernando Prestes. Ele faleceu. Ele embarcou na nossa causa e toda e qualquer manutenção que ele podia fazer, ele fazia e os estagiários, também alunos, que graciosamente, faziam, trabalhavam para nos auxiliar como estagiários. Um exemplo é o próprio Anderson que hoje é Auxiliar Docente, ele foi estagiário da nossa época, em 2001, Jonatas e outros alunos que também participaram do processo. Ah! Houve um momento em que a Fernando Prestes passou a ser referenciada como uma escola em que na área de Informática, Processamento de Dados, ela cresceu muito, né! Ela era referenciada pelo superintendente do Centro Paula Souza como modelo de instituição que cresceu com as próprias pernas. Foi contemplada, nesse meio tempo, em 2001, na gestão de Koritiake, ela recebe do Centro Paula Souza, onde é o atual STM hoje, veio um laboratório completo, doado pelo Centro Paula Souza, como mesas, computadores, lousa digital, aliás, veio a lousa digital, mas era para a gente comprar, nós não pudemos ficar com a lousa porque ela custava quinze mil reais, mas o Centro nos deu um laboratório completo, coisa que nunca tinha feito para ninguém. Acho que a partir dali começou a atrair recursos, mas fala-se que em premiação a tudo que aconteceu eles fizeram isso e acho que também pela capacidade do diretor Luiz Koritiake de ter ido a São Paulo e conseguir. Só que vieram 10 computadores. Aí que que aconteceu, eu fui até a cidade e comprei mais 10 mesas. Pode ver que são dois tipos de mesas que tem lá na STM. A original, doada pelo Centro Paula Souza e as outras 10 nós compramos com o dinheiro da APM, tá. É! Acontece nisso, que uma outra situação interessante foi uma reunião na Rubens de Faria, a então professora Laura Laganá, que era chefe de gabinete do Centro Paula Souza, ela fez uma reunião aqui com diretores e coordenadores das, escolas, das ETEs, não eram ETECs. Daí ela começou a falar das dificuldades do Centro Paula Souza, mais das escolas que estavam conseguindo fazer as coisas e solicitou que eu falasse com os presentes, que como a Fernando Prestes conseguiu chegar no estágio que chegou usando os recursos próprios da escola.

DTL: Então nós podemos considerar a escola não só de referência para a cidade, mas de referência para o próprio Centro Paula Souza?

BV: Para o Centro Paula Souza. A professora Laura Laganá, chefe de gabinete, citou a Fernando Prestes como modelo a seguir para a obtenção de recursos e pediu o meu testemunho para comentar como conseguimos montar nosso laboratório. Isso foi falado lá em meia hora. Aí veio a gestão do professor Luiz Antônio Koritiake, onde implanta a sala tecnológica multidisciplinar, em 2001, quando vem o Centro Paula Souza e doa um servidor e dez estações, dez mesas e vinte cadeiras e nós, Fernando Prestes ficamos responsáveis por preparar a sala, alvenaria e instalações elétricas e aparelhos de ar-condicionado e complementando a implementação, comprando os dez computadores, e a parte de mobiliário, dez mesas e cadeiras que nós implementamos lá.

DTL: Modificando ainda mais a estrutura...

BV: Colocando na mesma sala mais dez computadores, mais mesa e cadeiras...

DTL: Para atender uma sala de quarenta alunos, dois alunos por computador.

BV: Para atender uma sala de quarenta alunos, exatamente.

DTL: Isso facilitando mais ainda a questão da prática, da didática das aulas.

BV: E, também como espaço. Se verificarmos lá na época nós tínhamos o ambiente um e dois, a STM (Sala Multidisciplinar), o ambiente 6 que nós chamávamos de sala 32, que era com recursos mais limitados. Os dois anexos já existiam, que quando os cursos de Mecânica e Construção Civil, Edificações, foram e começaram a usar aqueles laboratórios.

DTL: Então houve essa separação?

BV: Sim, eles ficavam prá lá e nós para cá. Mas mesmo aqueles a princípio, até um determinado período era nós mesmos se virando nos 30. As coisas aconteceram.

DTL: Professor, o senhor lembra da estrutura hierárquica da escola? Foram falados de todos os diretores desse período, desde o professor Grando até o professor Koritiake. Em relação a outras pessoas que passaram pela escola na parte administrativa, pedagógica.

BV: Olha, administrativa desde que eu aqui estou, a Sonia Gonelli, a Diretora de Serviços. Coordenadora pedagógica, teve uma época a Edna, mas não era permanente a coordenação pedagógica. Coordenadores erámos nós, eu na área de informática, Koritiake na área de Mecânica, o Renato na área de Construção Civil, a Rose no Ensino Médio.

DTL: E nos cursos de Secretariado... e na Contabilidade

BV: A Reche coordenadora de Secretariado e Contabilidade, acho que a Bene, se não me engano.

DTL: E o professor Corrá?

BV: O Corrá como coordenador não me lembro dele ter sido, mas ele já era professor aqui, muito antes. Tem um pessoal da antiga aqui, já tem um bom tempo, mais velhos do que eu.

DTL: Então a equipe de coordenadores, a direção administrativa, e havia algum outro cargo, alguma outra função que o senhor se lembra em relação a escola, que foi extinta, ou que foi transformada.

BV: Que eu me lembre o pessoal do RH, a secretaria, sempre teve. O departamento pessoal, RH, praticamente isso.

DTL: O senhor teria algum documento, foto ou objeto da época que pudesse compartilhar conosco?

DTL: Olha Daniele, uma das coisas que era... (risos) que a gente menos se preocupou era em registrar as evidências do ocorrido, eu sou péssimo nisso. Sei que nós tínhamos um banner, mas depois o outro coordenador assumiu e não sei o que aconteceu. Foto praticamente não tinha não.

DTL: Certo... Professor nós estamos quase finalizando a nossa entrevista. O senhor gostaria de deixar alguma mensagem para as pessoas que assistirem essa gravação?

BV: Olha, a mensagem é a seguinte: - as vezes eu comento, que me faz me sentir muito bem, é que "o impossível aconteceu, tá... o sonho se realizou e eu tenho aqui (choro de emoção) como a minha segunda casa, trinta anos, também trabalhei trinta anos na multinacional, e agora completei trinta anos aqui, eu chego na Fernando, olho e penso, eu fui útil, eu fiz alguma coisa de bom."

DTL: Com certeza... isso é muito gratificante professor. Queria lhe agradecer, em nome do centro de memória, agradecer imensamente a sua entrevista, a sua disponibilidade, e por ter compartilhado essas memórias com a gente. Isso vai ficar eternizado na história da escola e mais uma vez demonstrou o quanto o senhor foi importante para nós. Muito obrigada, de coração.

BV: Tanto que depois eu sai, me aposentei, antes era 2002, fui convidado a deixar a coordenação, por que a minha formação não era Informática, embora tenha especialização, era Administração aí migrei para a área de gestão. Em 2006, eu me aposentei e tive de deixar o Centro Paula Souza. Em 2009 eu retornei e como se não bastasse em 2009 eu implantei o curso de Logística. Todo processo do expediente eu que montei, para que houvesse o curso de Logística aqui e que também completará 10 anos já.

DTL: De forma breve o senhor gostaria de contar para nós sobre este outro curso e num outro momento marcamos outra entrevista para comentar sobre este outro curso que também está aí em funcionamento?

BV: Em um outro momento.

DTL: Professor mais uma vez muito obrigada pela sua disponibilidade e por ter nos concedido esta oportunidade de registrar a memória da Fernando Prestes.

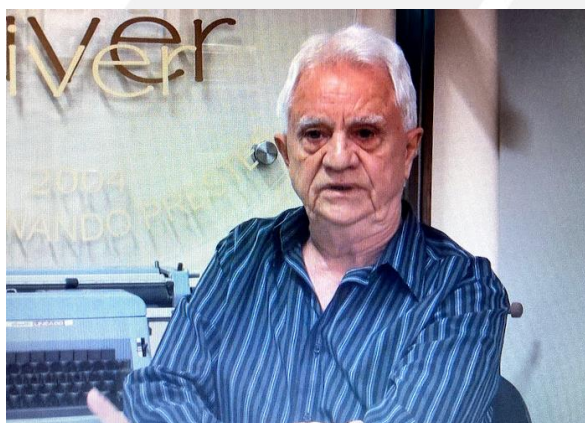
BV: A todos vocês que tiveram a oportunidade de nos assistir, mais um recado: - acreditem, tudo é possível, seja honesto, seja profissional, seja amigo, tenha vontade, mostre força e caráter, que as pessoas te acompanharão, e em grupo com certeza se faz muita coisa nessa vida.

IBT e DTL: Muito obrigada professor. A gente deixa registrado aqui, hoje é dia 18 de abril de 2018 e nós realizamos essa entrevista também em função dos 30 anos do curso de Informática.

Descritores

História oral na educação
Memórias do trabalho docente
Técnico em Processamento de Dados
Bruno Vergilio
Etec Fernando Prestes
Daniele Torres Loureiro
Ivani Torres Bragheti
Técnico em Administração
Implantação de cursos técnicos
Análise de sistemas
Informática
Centro Paula Souza
Francisco Grandó
Luís Agasi
Luiz Koritiake
Leila Teresa Rolim de Almeida
APM
Técnico em Logística
Centro de Memória

Dados Biográficos do Entrevistado



Bruno Vergilio - Bacharel em Administração de Empresas pela FACAS, é Técnico em Contabilidade e especializou-se em Análise de Sistemas. Atuou de 1971 a 2001 na Metso Minerals, antiga FAÇO – Fábrica de Aço Paulista como analista de sistemas sênior. Ministrou

aulas na UNIP (Universidade Paulista) nas áreas de Gestão e Tecnologia da Informação e na UNOPEC-Indaiatuba na área de Gestão. Na Etec Fernando Prestes é atualmente professor da área de Gestão, entretanto já atuou como coordenador de área dos cursos Técnico em Logística, Administração e do antigo Técnico em Processamento de dados, além de ter implantado o curso Técnico em Logística, em 2009, e, em 1988, atuou na definição e na implantação do técnico em processamento de dados, atual curso de informática.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Daniele Torres Loureiro - Desde 2003 é professora do Ensino Médio e Técnico; atuou como mediadora de aprendizagem do Técnico em Administração – EADTEC, é membro do Centro de Memória da Etec Fernando Prestes e professora conteudista do GEEAD. Bacharel em Administração Pública pela UFSJ. Aluna do PPGEd da UFSCar Sorocaba (2016-2017). Pós-graduada em PIAGED - UFF (2015). Tecnóloga em Automação de Escritórios e Secretariado pela Fatec-SP (1998). Foi coordenadora de Curso (2006); Membro do Projeto Historiografia (2005-2006); Professora da pós-graduação no Senac (2012 e 2013); Professora Universitária – Unip (2011-2012). Membro do projeto Biblioteca Ativa (2014 e 2015). Organizou exposições sobre a história dos cursos da Etec Fernando Prestes e apresentou trabalho no VI COLUBHE (2006). Participou do Programa Intercâmbio da Fundação Rotária (2009). Apresentou estudos no II SEMTEC (2013) e VI Encontro de Memórias e História da Educação: Concepções, Rupturas e Permanências (2018).

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Bruno Vergílio

Termo de Autorização para uso de Imagem de Bruno Vergílio